

LITERATURA E HISTÓRIA DIALOGANDO EM *O CONTINENTE*

Por Adriana Nunes Hoffmann &
Francieli Capellari¹

Introdução

O tempo e o vento, romance de Erico Veríssimo, é a obra de maior envergadura do autor. Foi dividida em três partes: *O Continente*, *O Retrato* e *O Arquipélago*, nela Erico conclui que a verdade sobre o passado do Rio Grande deveria ser mais viva e bela que a sua mitologia e quanto mais ele examinava a História, mais convencido ficava da necessidade de desmistificá-la, como aborda em seu livro de memórias Solo de Clarineta volume I (1976, p. 289). Inicia em 1745 com o nascimento de Pedro Missioneiro chegando a 1945 com o fim do estado novo e registra como se organizavam as vilas no Rio grande do Sul política, social e economicamente. O poder político passava de uma família à outra através de guerras e revoluções. E é nesse contexto, entre história e literatura, que será embasado o artigo.

Entre 1650 e 1750 o sul do Brasil era uma terra sem fronteiras definidas, chamado de continente São Pedro do Rio Grande. Habitavam aqui diferentes tribos indígenas principalmente os guaranis que foram os primeiros agricultores do Rio Grande do Sul onde entraram como invasores [...] o guarani é considerado pelos missionários de caráter brando, dócil e pacato, porém, indolente e imprevidente (LAZZAROTTO. 2001, p.21).

O território gaúcho foi sendo conquistado a ferro e fogo ao mesmo tempo em que adquiria sua identidade de estado da nação. Nesse contexto diacrônico está inserido *O continente* que retrata 150 anos de história (1745 a 1895). Considerado um romance histórico-brasileiro contemporâneo, mescla personagens e fatos historicamente reais com os retirados da livre imaginação do autor, acontecendo a verossimilhança com a história gaúcha. Para comprovar essa verossimilhança buscou-se neste artigo mostrar a história do povo gaúcho como ela se deu, baseando-se na obra de Erico Veríssimo e para tanto se tomou como ponto referencial a história de da família Terra Cambará, atravessando dois séculos de vida perigosa. É este o fio romanesco que une os episódios do ciclo e embasa as manifestações de orgulho, de ódio, de amor e de fidelidade, paixões que assumem uma dimensão transindividual que fundem-se na história maior da comunidade", conforme BOSI (2006: 409).

A Fonte

A Fonte retrata os últimos anos das Missões Jesuíticas e a povoação do continente pelos portugueses. Pode-se comprovar na seguinte passagem:

[...] O governo português revolvera então povoar o Rio Grande de São Pedro, [...] E naqueles vinte últimos anos muitos lagunistas e vincentistas se haviam fixado em

¹ Acadêmicas do Curso de Letras, nível IV, Universidade de Passo Fundo – Campus de Lagoa Vermelha – RS.

vários pontos do Continente, estabelecendo invernadas e currais que mais tarde se transformavam em estâncias. (VERISSIMO, 2000, p. 22)²

Erico recria todo cenário da redução dando vida e voz ao personagem Pedro Missioneiro que representa a primeira miscigenação do povo gaúcho. De mãe indígena e pai provavelmente bandeirante, Pedro é criado pelo pajé da tribo e recebe sua educação do padre jesuíta e padrinho pe. Alonso, com o qual aprendera o castelhano e um pouco de latim. Pedro tinha visões nas quais aparecia nossa senhora a quem chamava Rosa mística, sua mãe. Foi um menino ativo e em certos momentos caía em estado de melancólica meditação. Sua grande paixão era a música, sabia tocar flauta e improvisava melodias. Tinha verdadeira admiração pelo alferes real Tiarajú e pelo punhal do padrinho:

[...] Sempre que podia, Pedro entrava furtivamente na cela do padre, tomava o punhal nas mãos, acariciava-o, experimentava-lhe a ponta, punha-o na cinta e imaginava-se um guerreiro como o corregedor, o alferes real Tiaraju, que era o homem que ele mais admirava na missão. (p. 46)

Os Sete Povos das Missões pertenciam à coroa espanhola, no entanto em 1750 foi assinado o tratado de Madri que redefinia as fronteiras no sul e os Sete Povos passaram para o domínio português. Os guaranis se recusaram a abandonar as terras e quando um exército formado por espanhóis e portugueses ataca as reduções há um conflito que culmina no massacre conhecido como a Guerra Guaranítica. A revolta guaranítica foi chefiada pelo Alferes real Sepé Tiarajú que durante três anos resistiu à entrega dos Sete povos aos portugueses. Sepé tornou-se uma lenda através de seus feitos que corriam pelos Sete Povos e logo após a sua morte, Pedro abandona as missões:

[...] Três meses depois, quando o exército dos Sete Povos já haviam sido completamente desbaratados numa batalha campal [...] - Pedro montou num cavalo baio e levando consigo apenas a roupa do corpo, a chirimia e o punhal de prata, fugiu a todo galope na direção do grande rio... (p. 60)

Ana Terra

Em *Ana Terra* dá-se a conquista do território pelos paulistas, surgem as primeiras estâncias onde se dava a criação de gado. Desde 1750 quando se tornou urgente a colonização do sul do Brasil, a coroa portuguesa transportava casais dos Açores e foram eles os responsáveis pela formação das primeiras cidades no Novo Mundo. No Rio Grande do Sul o que acelerou a ocupação do território foram as distribuições de terras, as chamadas sesmarias.

Durante um período de cem anos, Portugal e Espanha disputaram o sul do Brasil, em 1777 se encerrava esse ciclo e um período de relativa paz com possibilidade de organização da economia pecuária de iniciativa agrícola começava. Intensificou-se as distribuições de terras aos chefes militares que haviam lutado na guerra contra os espanhóis. Multiplicaram-se as estâncias que tinham como base o regime pastoril. Um dos grandes beneficiados foi Rafael Pinto Bandeira, que além de chefe militar, era proprietário de grandes extensões de terra, recebidas através de “cartas de sesmaria” e o mesmo se dava com muitos oficiais³

²Todas as citações referentes à obra O continente, pertencem a mesma edição.

³Extraído da série de 20 fascículos publicadas por Já Porto Alegre Editores, Zero Hora/1998.

É justamente numa estância que vivia a família de Ana Terra. Seus pais haviam migrado de São Paulo a fim de juntar dinheiro e para lá retornar, o que não chegou a acontecer. O isolamento do qual a família vive é devido principalmente à distância e eles pouco ou raramente tinham contato com outro ser humano. Assim como a solidão era companheira de Ana, a vida na estância era dura e triste. Através de uma analepse, o autor nos revela a lembrança dela quando um dia chega até a estância o Maj. Pinto Bandeira responsável pela expulsão dos castelhanos do continente e se recorda de que o major havia dito a seu pai: “Vossa mercê tem em casa uma moça mui linda”, e ao mirar-se no poço, onde lavava a roupa da casa todo dia, ainda ecoavam as palavras ditas pelo guerrilheiro ao se despedir: “... precisamos de moças bonitas e trabalhadeiras. Bonitas e trabalhadeiras. Bonitas, bonitas, bonitas...” (pag. 76)

Depois de lutar ao lado de Manuel Pinto Bandeira, Pedro Misssioneiro chega à estância dos pais de Ana. Fazendo-se útil tanto na lavoura quanto no trato com o gado, acaba por ganhar a confiança de Maneco Terra. A convivência com um homem que não da sua família, aflorou em Ana um sentimento novo que a levou a viver uma relação amorosa com ele, mesmo que por pouco tempo. Dessa união nasce Pedro Terra, resultando a miscigenação do índio com o português. Em Ana Terra, Erico pretende mostrar a origem do povo gaúcho, sendo representado na personagem Pedro Terra.

Os contrabandistas e aventureiros, na sua maioria ex-soldados e desertores, que viviam na campanha tornavam a vida insegura para os estancieiros da época. Em torno de 1789 a família de Ana Terra sofre uma invasão dos castelhanos na qual morreram seu pai e o irmão, Ana é brutalmente estuprada diversas vezes.

A partir desse fato Ana Terra começa nova vida, saindo da estância para se estabelecer em Santa Fé, cidade da qual ajuda a povoar, levando consigo somente a tesoura velha de podar e a roca da falecida mãe. Santa Fé assemelha-se a Cruz Alta, cidade natal de Erico, devido à descrição e localização, provavelmente o autor a recria em *O continente*.

Desde o primeiro dia da chegada de Ana Terra chega à Santa Fé ouvia falar do Cel. Ricardo Amaral, senhor de dezenas de léguas de sesmarias e milhares de cabeças de gado. Os Amaral representam o estancieiro rico que funda o lugarejo e Ana Terra simboliza a mulher que ajuda a povoar o continente, a velha tesoura é o instrumento que a conduz à profissão de parteira.

Passado alguns anos, no dia em que Pedro Terra anuncia seu noivado com Arminda Melo, também chegam os boatos da guerra. Trata-se das Guerras Platinas e Pedro é convocado a lutar, recrutado pelo próprio Ricardo Amaral.

Um certo capitão Rodrigo

Em 1828 chega à Santa Fé um forasteiro chamado Rodrigo Cambará, típico representante do gaudério, personagem que consolida o apogeu do gaúcho, símbolo do machismo, mulherengo, aventureiro, nobre e generoso, o monarca das coxilhas. Rodrigo casa-se com Bibiana, neta de Ana Terra. Homem acostumado a pelear em guerras, mesmo contrariado assenta morada na vila.

Nesse capítulo o Brasil é independente a seis anos e suas fronteiras já estão demarcadas, é governado por um imperador. Na obra há uma pequena passagem que fala sobre a independência, tomamos conhecimento através de uma conversa entre Rodrigo e Juvenal, logo a seguir da sua chegada a Santa Fé: “- Onde é que vosmecê estava quando proclamaram a independência? - perguntou Juvenal.” [...] - Ah! Eu tinha dado baixa e andava metido em negócios de gado. (Veríssimo, 2000, pag. 178).

Em 1833 a cidade de santa Fé recebe duas famílias alemãs, os Kunz e os Scultz, acontecimento que movimenta a vila. O autor revela dados importantes da evolução histórica da colonização alemã e vai desenhando o processo de instalação das famílias, da ocupação dos espaços territoriais, e da convivência com os nacionais e o crescimento econômico, conforme

Aquino (2007, p. 21 e 22). Os primeiros imigrantes chegaram a Porto Alegre no bergantim Protetor, a 18 de julho de 1824

Quando em 1835 explode a Guerra dos Farrapos, os gaúchos dominados por seus ideais seguiram para a luta que foi uma das mais sangrentas e desiguais ocorridas em solo gaúcho. Rodrigo Cambará, do lado dos farrapos, e Bento Amaral, do lado republicano, foram os maiores representantes de Santa Fé na guerra. Os farrapos liderados por Bento Gonçalves lutavam pelo ideal da República Rio-Grandense e os principais motivos que desencadearam a revolução foram os impostos pesados que recaíam sobre o principal produto sul-riograndense, o charque, seja diretamente (15% na Alfândega), seja sobre o campo (dez mil réis por légua quadrada) que tornava impossível sustentar nos mercados nacionais a concorrência com o charque platino e o desagrado pelo despotismo militar, pois a maior parte dos oficiais era sempre composta por portugueses, não se dando oportunidades aos rio-grandenses de fazerem cursos militares, segundo LAZZAROTTO (2001, p. 111). O autor dá voz a D. Picucha Terra Fagundes, filha de Horácio Terra, irmão de Ana para relatar dados a mais referentes a revolução, podemos comprovar no último intermezzo (quadros que seguem logo após os capítulos com a função de passagens intermediárias da narrativa central) do primeiro volume. Em conversa com Patrício, ela conta desde o princípio da guerra em 1835 até seu final em 1845, a conversa se dá da seguinte forma:

[...] Entre, Patrício, a casa é sua. Não faça cerimônia, tome assento e aceite um chimarrão. Eu lhe conto como foi. Nunca vi guerra mais braba nem mais comprida. Durou dez anos. Está vendo aquele pessegueiro lá no fundo do quintal? Quando ele floresceu, em setembro de 35, chegou a notícia que Gen. Bento Gonçalves tinha dado o grito da Revolução. Um ano se passou, e eu estava ainda comendo compota dos pêssegos de 35 quando o Gen. Neto proclamou a República Rio-Grandense (p. 311-312).

A teiniaguá

Em 1850 a vila de Santa Fé foi elevada à comarca, uma referência a consolidação da vida urbana no RS. Dá-se a construção do sobrado pelo nordestino Aguinaldo Silva e a melhor fazenda da região, a do Angico, é de sua propriedade.

Teiniaguá é a lenda da princesa moura transformada em salamandra com uma pedra brilhante em lugar da cabeça, que seduz os homens. Aqui é feita uma alusão à Luzia, neta adotiva de Aguinaldo Silva, moça de esplêndida beleza e "modos de cidade", veste-se bem, é culta e toca cítara. De caráter doentio, Luzia indica de certa forma que todas as mulheres que ousavam quebrar o silêncio e a aceitação resignada da dominação masculina, teriam um preço alto a pagar por sua independência. A identificação que a personagem Dr. Winter faz entre Luzia e a lenda é a de levar os homens à perdição. Foi o que aconteceu com Bolívar Terra Cambará, apaixonou-se e fica completamente enfeitiçado por ela. A dominação de Luzia começa quando ele atende a determinação da jovem que marca a festa do noivado para a mesma hora em que o escravo Severino, suspeito de matar dois viajantes que pediram hospedagem na chácara de seu dono, será enforcado. Como está narrado em *O Continente 2*:

[...] O carrasco experimenta o nó corredio e depois colocou a corda em torno do pescoço do escravo. Havia agora na praça um silêncio de cemitério. De repente um galo cantou atrás da igreja. O Dr. Winter voltou a

cabeça para Luzia. E foi no semblante da teiniaguá que ele viu o resto da cena macabra. Primeiro o rosto dela se contorceu num puxão nervoso, como se ela tivesse sentido uma súbita dor aguda. Depois de ficou numa expressão de profundo interesse que aos poucos se foi transformando numa máscara de gozo que pareceu chegar quase ao orgasmo. Winter observava-a estarecido. Na multidão ao redor do cadafalso uma mulher soltou um grito que subiu no ar como um dardo. Winter olhou para o cadafalso. Pendente da forca o corpo do Severino estrebuchava. (p.384-385)

Há uma grande semelhança entre o enforcamento do negro Severino e o enforcamento que ocorreu em Cruz Alta, do Negro Felipe. Como aponta CAVALARI:

[...] Foi a primeira e possivelmente única execução de um réu em praça pública de Cruz Alta. O enforcamento aconteceu na praça da matriz no dia 26 de junho de 1850. Acusado pelo assassinato de dois viajantes que hospedaram-se na estância de seu “ patrão”, o juiz José Gaspar dos Santos Lima, o escravo foi condenado por enforcamento. Na Sessão da Câmara de 15 de abril de 1850, a casa recebeu ofício do juiz Municipal Antônio Pinheiro Machado, pedindo providências para a construção da forca para a execução do réu Felipe. Na Sessão de 16 de julho de 1850, foi lido o ofício do Delegado de Polícia de Cruz Alta, exigindo a desmontagem da forca em que foi enforcado o réu Felipe, para utilizar na montagem de uma outra futuramente (Não conseguimos dados de outra execução pública nesses moldes em Cruz Alta). Na Sessão de 18 de julho de 1850, novo ofício do Delegado de Polícia ordenando ao procurador mandar demolir a forca, pedindo providências para preservar as madeiras usadas. Finalmente, na Sessão da Câmara de 14 de agosto de 1850, o Escrivão Privativo de Júri pede em requerimento, e a Câmara deferiu, o pagamento das custas 5\$291 réis que importaram a execução da pena de morte do réu Felipe. Há uma grande semelhança deste caso, com a morte do personagem “Severino” no romance *O tempo e o vento* do escritor Erico Veríssimo (*O Continente 2, página 384*). (2011. p. 140)

Através da análise da personagem Dr. Winter, o médico alemão, verifica-se como é a vida provinciana, a beleza das paisagens e a disposição que os homens tinham ao trabalhar e do papel da mulher iniciando uma nova sociedade nas cidades em desenvolvimento.⁴

⁴ Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br>

Conforme o autor afirma a peste tinha sido trazida do Rio por passageiros do vapor imperatriz, que ancorara em fins de 1855 no porto de Rio Grande e começara nas charqueadas de Pelotas, alastrara-se pelas localidades vizinhas e atingira Porto Alegre onde se dizia que o número de casos fatais ia além de mil. Pode-se comprovar através do trecho escrito por BARBOSA (1995, p. 121): “No ano de 1855, chega a epidemia de cólera-morbo no estado fazendo a primeira vítima em Pelotas, propagando-se por Jaguarão, Rio Grande e Porto Alegre. Conforme relatório do presidente da província, Barão Muritiba, mais de 4.000 vítimas, quando a população do RS era de 280 mil habitantes.” No Continente 2, a ligação com esse fato histórico se dá através das personagens Bolívar e Luzia que vão a Porto Alegre passar uma temporada. Através da reflexão da personagem Bibiana o autor nos mostra a constante preocupação da população em relação à epidemia:

[...] Desde que soubera da notícia da peste em Porto Alegre ficara apreensiva. Por que Bolívar não viera embora imediatamente ao saber que a cólera tinha irrompido na cidade? [...] (p. 434)

No mesmo capítulo temos ainda a Guerra de Rosas, na qual o ditador argentino João Manuel Rosa não satisfeito em torturar a Argentina por 20 anos, coloca em perigo as nações vizinhas. Oribe, instigado e apoiado por Rosas, ensanguentou por uma década a jovem República Oriental do Uruguai, com isso invade a fronteira do RS, arrebanhando gado e insultando a população. Desta forma, Brasil e Uruguai tornam-se aliados, primeiro para combater Oribe, depois para enfrentar Rosas com seu exército de 20.000 homens vencendo a guerra. Finalmente o povo rio-grandense, por enquanto, podia respirar em paz, conforme destaca BARBOSA (1995, p. 82). As personagens Bolívar e Florêncio foram os que fizeram parte nessa guerra. Em uma conversa entre o Dr. Winter e Aguinaldo, pode-se constatar a ida de moradores de Santa Fé para essa guerra:

[...] - Eu estava dizendo ao Sr. Aguinaldo - contou ele, inclinando a cabeça na direção de Carl Winter - que se o Marquês de Olinda tivesse ficado no governo com seu ministério conservador, as coisas teriam tomado outro rumo. Ele era contra a nossa interferência nas questões do prata. Mas veio Paulino Sousa e seguiu a política intervencionalista, fez aliança com Urquiza e o resultado foi a guerra contra Rosas. - Mas ganhamos essa guerra! - exclamou Aguinaldo, com os bigodes e a pêra respingados de limonada. - E ali estão dois moços que viram a coisa de perto! Lançou para Bolívar e Florêncio um olhar duma ternura quase paternal. (p. 373).

A Guerra

O narrador inicia o capítulo falando da guerra do Paraguai ocorrida em 1869 quando Santa Fé já mostrava sinais de decadência pelo o que vinha passando nos cinco anos de conflito. Não havia na cidade quem não chorasse um morto, as mulheres já não tiravam o luto. Até que a mala postal chegou com a grande notícia:

[...] Foi naquele quente e abafado dezembro de 1869 que chegaram de volta em Santa Fé alguns voluntários que a guerra deixara inválidos. Entre eles estava Florêncio Terra, que recebera um balaço no joelho". (p.479)

A Guerra do Paraguai foi um dos maiores conflitos armados em que o Brasil se envolveu. Solano Lopes, que tinha como objetivo aumentar o território paraguaio e obter uma saída para o Oceano Atlântico, através dos rios da Bacia do Prata iniciou o confronto com a criação de inúmeros obstáculos impostos às embarcações brasileiras que se dirigiam à Mato Grosso através da capital paraguaia. Seu próximo alvo era o Rio Grande do Sul e para atingi-lo, necessitava passar pela Argentina, então invadiu e tomou Corrientes. Decididos a não serem ameaçados e dominados pelo ditador Solano Lopes, Argentina, Brasil e Uruguai uniram suas forças em primeiro de maio de 1865 através de acordo da Tríplice Aliança, para juntos deterem o Paraguai, que foi vencido na batalha naval de Riachuelo e também na luta de Uruguiana⁵.

O autor liga o conflito bélico com a guerra entre Bibiana e Luzia, para revelar a luta de ódio entre elas pela posse dos bens e de Licurgo. Bibiana tem uma obstinação em destruir a nora, isto serve para mostrar uma quebra na idealização dos capítulos anteriores a respeito das mulheres Terra. Nesta época Luzia já está doente com câncer de estômago e definha até morrer perdendo a guerra. Licurgo, já adolescente, prefere passar seus dias na fazenda do Angico tendo uma educação informal à maneira rio-grandense orientado por Fandango, um gaúcho de referências, de uma linguagem original, que ensina-lhe os ditos e provérbios do Rio Grande, ele encarna a sabedoria popular dos homens do campo.⁶ Licurgo é o primeiro estancieiro da família Terra – Cambará.

Ismália Caré

Ismália Caré é a última das grandes narrativas que compõe *O Continente*. É o elo que liga todas as outras narrativas que seguem a história da família Terra - Cambará desde o século XVIII. Em 1884 o autor apresenta Santa Fé já elevada à cidade e a compara a Cruz Alta, como segue no parágrafo:

Amanhã, 24 de junho de 1884, será um dia assinalado na História de nossa idolatrada terra. Santa Fé comemorará festivamente sua elevação à categoria de cidade. Aleluia! Aleluia! Que os sinos de nossa bela e alterosa igreja badalem e encham os ares de sons álcres, anunciando o fausto grandioso. Finalmente a Assembléia Provincial fez justiça, (quae sera tamen), pois já a todos causava estranheza a tardança da concessão de foros de cidade à nossa vila, quando uma outra localidade menos progressista e importante que a nossa (e cujo nome a descrição manda calar) já o tem de há muito. [...] Todos iam perceber que ali estava uma referencia velada a Cruz Alta, que já era cidade desde 1879. (p. 560)

⁵ Disponível em: www.suapesquisa.com/historia/guerradoparaguai

⁶ Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br>

O coronel Bento Amaral representa o líder político que ainda manda na cidade, a família Amaral vem perpetuando-se no poder desde o início da fundação do povoado em *Ana Terra*. Licurgo representa a oposição republicana que não aceita a influência da monarquia. O confronto político entre as forças dirigentes Amaral versus Cambará, acontece antes da Proclamação da República, a oposição de tantos setores da sociedade à monarquia tornou possível o golpe que instalou a república no Brasil. Percebendo a difícil situação em que se encontrava, o governo imperial apresentou à Câmara dos deputados um programa de reformas políticas, porém tais reformas chegaram tarde demais. No dia 15 de novembro de 1889 Deodoro da Fonseca assumiu o comando das tropas ocupando o quartel-general do RJ, proclama do assim a República dos Estados Unidos do Brasil, pondo fim à soberania do imperador D. Pedro II, como esclarece COTRIM & RODRIGUES (2009, p. 262). Dois eventos vão marcar esse dia, o baile que se realizou no Paço municipal e a festa no sobrado, na qual Licurgo sendo um abolicionista fanático liberta seus próprios escravos, como segue em:

[...] o cidadão Licurgo Cambará, realizará na sua residência e durante a qual, num gesto que deve ser imitado por todos os bons brasileiros, dará carta de manumissão a todos seus escravos. [...] (p. 562)

Quatro anos antes da abolição da escravatura, assinada pela Princesa Isabel, algumas províncias do Rio Grande do Sul e de outros estados brasileiros, anteciparam esse fato libertando seus escravos. Na primeira metade do século XIX a escravidão no Brasil atingiu seu auge. Após a Guerra do Paraguai cresceu no país a campanha abolicionista, um movimento popular pela libertação dos escravos, conquistando o apoio de vários setores da sociedade. Em meio às pressões internas e externas, o governo e os parlamentares instituíram leis que libertaram os escravos. Lei do Ventre livre (1871) declarava livres os filhos de mulheres escravas nascidos no Brasil, mas os obrigava a ficar em poder dos donos de suas mães até os oito anos de idade. Depois disso, os senhores receberiam uma indenização do governo até que eles completassem 21 anos. Lei do Sexagenário (1885) declarava livres os escravos e as escravas com mais de 60 anos. Essas leis não resolveram os problemas da escravidão, os proprietários conseguiam ganhar tempo e adiar o máximo a abolição. Somente em 13 de maio de 1888, com a Lei Áurea promulgada pela princesa Isabel a escravidão foi extinta do Brasil e cerca de 95% dos descendentes de africanos no Brasil já eram livres e muitos participaram das lutas abolicionistas. Vários deles faziam parte de pequeno grupo de intelectuais da época, assim destaca COTRIM & RODRIGUES (2009, P. 255, 256 e 257).

O sobrado

Em *O sobrado* a ação transcorre em três dias do mês de junho de 1895, no final da Revolução Federalista. Há um embate entre Licurgo Cambará, chefe político dos republicanos (chimango), e Alvarino Amaral, adversário político federalista (maragato). “A escolha da revolução para iniciar a obra, reveste-se de particular significado. Na história do Rio Grande do Sul o conflito significa a passagem da antiga ordem institucional, arranjada com acordos imperiais que puseram fim à revolução farroupilha, à ordem republicana, assentada no ideal de Julio de Castilhos. Registrado na história como sendo um confronto bárbaro, com degolas, humilhações e massacres, não escaparam velhos, mulheres e crianças. O confronto foi entre os federalistas, chamados maragato, simpáticos ao parlamentarismo monárquico e chefiados por Gaspar Silveira Martins e os republicanos, ditos pica-paus ou chimangos, que obedeciam à chefia de Júlio de Castilhos. Erico ao narrar ficcionalmente os fatos da realidade, sugere que os registros da História sejam recuperados do congelamento do passado para o presente. A

transposição da revolta federalista para a ficção integra diferentes planos narrativos, colocando ao leitor questionamentos que dizem respeito à época de produção da obra do que ao episódio narrado”, conforme SANTOS (2005: 56 e 57).

Depois de 60 anos a família Terra – Cambará cresce e se torna a força dominante da cidade. Licurgo chefe republicano e alguns correligionários, empregados do Angico encontram-se sitiados há dias dentro do sobrado, resistindo ao ataque dos federalistas. Mesmo com a escassez de alimento e munição Licurgo resiste até o fim, quando os federalistas abandonam a cidade. Comprovado com o telegrama que Licurgo tem em mente:

[...] Tenho a honra de comunicar Vossência Santa Fé acaba de ser libertada. Após vários dias de cerco minha residência onde residi com grupo valorosos leais correligionários, inimigos abandonaram cidade aproximação bravas forças republicanas Cruz Alta. Viva o partido Republicano! Viva o Rio Grande! Viva o Brasil!
Licurgo Cambará. (p.668)

O parto de Alice e a guerra representam o jogo entre vida e morte. Não é por acaso que em *O Sobrado I* José Lírio é o indivíduo que coloca o respeito pela condição humana acima das ideologias e interesses que levaram os homens a guerra, rompendo com a intolerância e com radicalismo político existente.

Maria Valéria Terra, irmã de Alice, de espírito independente, abomina a guerra e o machismo dos chefes políticos. É uma personagem complexa e lembra em muito sua avó Ana. Era apaixonada por Licurgo, mas quando este escolhe sua irmã, decide viver para ela e para os sobrinhos.

Considerações finais

Com *O continente* Erico conseguiu muito mais que desmitificar a história gaúcha, ele elevou a literatura gaúcha a nível nacional, retratando a com sua narrativa, a gente, a terra, a cultura e tradição do Rio Grande do Sul. Com isso, se igualou aos grandes escritores brasileiros da obra regionalista, tais como Euclides com *Os Sertões*, Graciliano e *Vidas Secas*, Guimarães Rosa e *Grande Sertão: Veredas*, assim como tantos outros.

Com a obra, Verissimo despertou nos gaúchos o sentimento de amor, de valorização de sua terra e de sua identidade, e desfez a idéia que o restante do Brasil tinha do gaúcho, aquele homem sem lei, contrabandista, aventureiro, vagabundo do campo para elevar o mesmo e mostrar sua determinação e resistência. O gaúcho passou a ser visto com outros olhos, aquele que procurava a todo custo defender suas fronteiras e sua terra com suor e sangue e foi através das guerras, Farroupilha e Federalista, do Paraguai e contra Rosas, que se deu a formação da personalidade dos gaúchos Terra-Cambarás. As guerras que se deram no Rio-Grande e as que os gaúchos tomaram parte, influenciaram na formação da identidade do povo gaúcho na sua cultura e tradição, preservada até hoje.

Os capítulos “*A Fonte*” e “*Ana Terra*” explicam o misticismo e a formação do povo gaúcho, “*Um certo capitão Rodrigo*” e “*Teiniaguá*” mitificam e desmitificam a figura do herói, apresentando uma ambigüidade moral e se humanizando, “*A guerra*” e “*Ismália Caré*” revelam as implicações histórico-políticas e como o poder era passado de uma família para outra de geração em geração. Todos eles apresentam as adversidades enfrentadas pelos fundadores, sua formação étnica e cultural. O povo gaúcho é resultado da miscigenação de muitas etnias, a começar com o índio que já habitava a região, o português que veio para povoar e trabalhar a

terra, o alemão, italiano, os escravos e tantos outros, todos eles contribuíram para o crescimento e desenvolvimento do Rio Grande do Sul.

Referências Bibliográficas

- AQUINO, Ivânia Campigotto. *A representação da etnia alemã no romance sul-rio-grandense*. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2007.
- BARBOSA, Fidélis Dalcin. *História do Rio Grande do Sul*. 4ª ed. Porto Alegre: Edições EST, 1995.
- CAVALARI, Rossano Vieira. *Dicionário de Cruz Alta Histórico e Ilustrado*. 1ª ed. Porto Alegre: MartinsLivreiro, 2011.
- COTRIM, Gilberto. RODRIGUES, Jaime. *Saber e fazer história: história geral e do Brasil, 8º ano: Consolidação do capitalismo e Brasil Império*. 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- LAZZAROTTO, Danilo. *História do Rio Grande do Sul*. 7ª ed. Ijuí: Ijuí, 2001.
- SANTOS, Pedro Brum. *Aspectos do romance histórico em Erico Veríssimo*. PPGL/UFSM, 2005 (p. 53 a 59).
- VERISSIMO, Erico. *O continente, vol. 1 e 2*. 36ª ed. São Paulo: Globo, 2001.
- VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta*. 10ª ed. Porto Alegre: Globo, 1976.
- ZERO HORA. *Histórias Ilustradas do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Já Porto Alegre, 1998.

Sites

http://educaterra.terra.com.br/literatura/livrodomes/livrodomes_ocontinente_1.htm
www.suapesquisa.com/historia/guerradoparaguai

Recebido em 09/01/2012.

Aceito em 21/06/2012.